

O Projeto de Vida no Ensino Médio como um dispositivo de mobilização da formação do sujeito neoliberal¹

The Life Project in High School as a Device for Mobilizing the Formation of the Neoliberal Subject

Liliane Rodrigues Reis²
Universidade de Santa Cruz do Sul
lilianereis@mx2.unisc.br

Éder da Silva Silveira³
Universidade de Santa Cruz do Sul
eders@unisc.br

Resumo: O presente artigo tem como objetivo problematizar os sentidos do Projeto de Vida no currículo escolar na contemporaneidade, particularmente no que se refere à mobilização da formação do sujeito neoliberal nos livros didáticos de Projeto de Vida. Trata-se de estudo que resulta de uma pesquisa qualitativa a respeito do Projeto de Vida, instituído como componente curricular nos processos de implementação da reforma do Ensino Médio brasileiro a partir da Lei 13.415/2017. Sobre os aspectos metodológicos, trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e de reflexão teórica. Compreende-se que o Projeto de Vida pode ser concebido como um dispositivo de customização curricular cuja principal função é a normatização subjetiva para formação de um sujeito neoliberal.

Palavras-chave: Projeto de Vida; Ensino Médio, Customização Curricular, Sujeito neoliberal.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

³ Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

Abstract: This article aims to identify and describe influences and trends that contribute to the understanding and contextualization of the Life Project and its meanings in the contemporary school curriculum. This study results from qualitative research regarding the Life Project (REIS, 2024) established as a curricular component in the processes of implementing the Brazilian High School reform following Law 13,415/2017. Regarding methodological aspects, this is a qualitative study that used documentary and bibliographic analysis. It is observed that, according to Silva's (2019) approach, curricular customization devices are put into action in the school curriculum through various strategies. Among these strategies, we highlight the curricular component Life Project, which, as we can infer, is a curricular customization device whose main function is the subjective standardization for the creation of a neoliberal subject.

Keywords: Life Project; High School, Curriculum Customization. Neoliberal Subject.

Introdução

O presente artigo resulta de uma pesquisa qualitativa a respeito do Projeto de Vida instituído como componente curricular nos processos de implementação da reforma do Ensino Médio brasileiro, a partir da Lei 13.415/2017. Neste artigo, buscamos problematizar os sentidos do Projeto de Vida no currículo escolar na contemporaneidade, particularmente no que se refere à mobilização da formação do sujeito neoliberal.

Sobre os aspectos metodológicos, o artigo resulta de um estudo de abordagem qualitativa que utilizou a análise documental e bibliográfica. Realizamos, inicialmente, um levantamento dos livros didáticos de Projeto de Vida voltados ao Ensino Médio, disponíveis no Guia Digital do PNLD 2021 (Brasil, 2021). Dos 24 livros didáticos de Projeto de Vida publicados em 2020, selecionamos três títulos que estavam disponíveis virtualmente no site das editoras para a composição do corpus documental da investigação. Como critério para escolha dos títulos optamos por selecionar aqueles que tiveram o maior número de tiragem, considerando dados disponíveis no site do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE (Brasil, 2024), conforme o quadro abaixo:

Quadro 1 - Livros didáticos selecionados para a investigação

Livro	Tiragem	Autor	Editora	Forma como a obra será identificada no texto⁴
Pensar, Sentir e Agir	1.012.161	Leo Fraiman	FTD S.A	Fraiman, 2020 [Editora FTD]
(Des)envolver e (trans)formar – Projeto de Vida	903.317	Itale Cericato	Ática S.A.	Cericato, 2020 [Editora Ática]
#Meufuturo	792.104	Erlei Sassi Jr. e Fernanda Martins Sassi	FTD S.A	Sassi Júnior; Sassi, 2020 [Editora FTD]

Fonte: Sistematização com base em dados do FNDE

Com estes materiais foram organizadas planilhas no software Microsoft Excel que foram utilizadas no processo de análise dos livros. A primeira planilha foi organizada no intuito de compreender a organização geral do livro e foi composta pelas seguintes colunas: livro; autores, informações sobre os autores; estrutura do livro, particularidades do livro frente aos demais, tiragem e outras informações adicionais sobre a impressão e a circulação da obra.

Outra planilha foi construída a fim de buscar nos livros didáticos o modo que eles mobilizam a formação de sujeitos neoliberais. A tabela foi composta pelas seguintes colunas: como mobiliza a formação de sujeitos neoliberais; fragmentação/unitarização; categorias emergentes/unidades de significado; categorias teóricas (oriundas do conceito “sujeito neoliberal”).

Para organização e análise das fontes utilizamos elementos da Análise Textual Discursiva (Moraes, 2003), especialmente no que diz respeito à fragmentação das informações em unidades de significado, categorização, interpretação e escrita.

Sabemos que a legislação relacionada ao Ensino Médio contemporâneo aborda em vários momentos a dimensão do Projeto de Vida e apresenta a intenção de que a escola ofereça aos estudantes possibilidades de escolhas alinhadas com seus projetos de futuro. No entanto, Oliveira (2021, p. 105) destaca a centralidade que este conceito assumiu nas políticas curriculares para o Ensino Médio, “mesmo que nesses documentos não se tenha uma explicitação clara de quais elementos constituem um Projeto de Vida, ou qual conceito poderia ser fixado para defini-lo”.

⁴ Pelas normas da ABNT, bastaria indicarmos sobrenome + ano + paginação (quando fosse o caso). No entanto, optamos por realizar desta forma para diferenciar das demais citações bibliográficas, realizando um destaque ao leitor a fim de que identifique os excertos oriundos dos livros didáticos analisados.

A Lei 13.415/2017, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu artigo 35, § 7º, faz menção aos projetos de vida dos estudantes do Ensino Médio, alegando que “os currículos do Ensino Médio deverão considerar a formação integral do aluno, de maneira a adotar um trabalho voltado para a construção de seu Projeto de Vida e para sua formação nos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais” (BRASIL, 2017).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elenca como eixo central para as práticas escolares o Projeto de Vida, relacionado, neste documento, às projeções, desejos e redefinições dos estudantes em relação às suas trajetórias de vida (BRASIL, 2018).

Importante destacar que a Reforma do Ensino Médio ocorre no mesmo cenário da Reforma Trabalhista, o que permite pressupor que haja uma relação entre “os interesses, os atores e os anseios dos envolvidos nesse processo de modificação na educação juvenil e nas relações de trabalho” (SILVA.; MORAIS, 2022, p. 635).

Nessa esteira, observa-se que as políticas educacionais contemporâneas, que têm sido cada vez mais fundamentadas no neoliberalismo, vêm expressando um novo discurso em torno do campo educacional. Tais políticas, de acordo com Klaus (2017, p. 347), extrapolam em muito os mercados de bens e serviços e dizem respeito à totalidade da ação humana, “procurando moldar os sujeitos para torná-los empreendedores dispostos a aproveitar as oportunidades de lucro e a entrar no processo permanente de concorrência”.

Quando observamos os conteúdos escolares disseminados por meio das últimas reformas educacionais, percebemos novos investimentos formativos que dão ênfase a aspectos subjetivos dos estudantes. Silva e Estormovski (2023, p. 4), a respeito da nova gramática que se estabeleceu em torno do “Novo Ensino Médio”, destacam uma “mobilização articulada de noções como protagonismo juvenil, projetos de vida, educação integral, competências socioemocionais ou mesmo empreendedorismo”. Para o autor e a autora, a composição do currículo do Ensino Médio, com base nessas noções, “torna visível novas nuances dos avanços da neoliberalização da educação em curso em nosso país desde o final da década de 1990” (SILVA; ESTORMOVSKI, 2023, p. 5).

No contexto dessa nova organização social, vemos surgir o investimento na formação de uma nova norma subjetiva que esteja alinhada à sociedade do desempenho. O neoliberalismo, se apresentando com o objetivo de reorganizar a sociedade em todos os seus âmbitos, tem multiplicado seus mecanismos e se utilizado de diversas estratégias buscando um “devir-outro” dos sujeitos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 326).

Buscando contribuir para este debate, nas seções que seguem apresentamos uma problematização sobre a relação existente entre o tipo de formação proposta por organismos internacionais para a juventude brasileira com o conceito de “sujeito neoliberal” (DARDOT; LAVAL, 2016). Ademais, buscaremos demonstrar que o componente curricular Projeto de Vida tem servido como uma tecnologia pedagógica que visa formar determinado tipo de subjetividade, o “sujeito neoliberal”.

O neoliberalismo no campo educacional contemporâneo

A introdução do neoliberalismo na sociedade, de acordo com Laval (2019, p. 9), é atribuída em grande parte à “degradação mundial das condições de vida e trabalho” e à “deterioração das instituições educacionais, universitárias e científicas”. Nesse sentido, é importante compreendermos o neoliberalismo não apenas como “uma ideologia, um tipo de política econômica”, mas, sim, como um “sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7).

Nesse contexto, de uma sociedade vista como empresa, constituída de outras empresas, surge a “necessidade” de uma “nova norma subjetiva”. Dardot e Laval (2016, p. 323) registram uma “mutação no discurso sobre o homem”. Desde o fim do século XX, permeiam nos discursos as figuras do “homem-empresa” ou do “sujeito empresarial” que, para os autores, favorecem “uma rede de sanções, estímulos e comprometimentos que tem o efeito de produzir funcionamentos psíquicos de um novo tipo” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 323). O neoliberalismo se apresenta com o objetivo de reorganizar a sociedade em todos os seus âmbitos e, com isso, multiplicam-se os mecanismos, relações e comportamentos de mercado que buscam um “devir-outro” dos sujeitos.

Para Brown (2019, p. 9), a forma de interpretação da realidade que “vê todo e qualquer elemento da sociedade segundo um modelo empresarial contemporâneo”, apresenta inúmeras implicações:

Quando adquire a forma de uma racionalidade política, esse tipo de razão normativa substitui outros modos de valoração por julgamento e ação, critérios liberal-democráticos básicos por justiça com métrica empresarial, transforma o próprio Estado em empresa, produz normas cotidianas de identidade e conduta que configuram o sujeito como capital humano, e define todo tipo de atividade humana em termos de autoinvestimento racional e empreendedorismo (BROWN, 2019, p. 15).

Essa nova norma social vem produzindo diferentes tipos de relações, maneiras de viver e subjetividades, regendo relações econômicas, políticas públicas, transformando e remodelando subjetividades, no uso de novas técnicas de poder. A “nova razão do mundo”, como chamam Dardot e Laval (2016), pode ser compreendida como essa nova racionalidade do capital, que vem sendo transformada em uma lei social que rege todas as relações. Se não temos isso em mente, como alerta Laval (2019, p. 9), “simplesmente não compreendemos a transformação mundial das sociedades e suas instituições”.

A progressiva monopolização do discurso pela ideologia neoliberal, que abrange todos os campos sociais, tem atingido o campo da educação de maneira especial nas últimas décadas. Essa nova ordem escolar vem se impondo por meio de sucessivas reformas e, através do discurso hegemônico, molda cada vez mais a instituição escolar na direção da “escola neoliberal” (LAVAL, 2019).

Escola neoliberal é a designação de certo modelo escolar que considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico. Não é a sociedade

que garante o direito à cultura a seus membros; são os indivíduos que devem capitalizar recursos privados cujo rendimento futuro será garantido pela sociedade. Essa privatização é um fenômeno que atinge tanto o sentido do saber e as instituições que supostamente transmitem os valores e os conhecimentos quanto o próprio vínculo social (LAVAL, 2019, p. 17).

O neoliberalismo, compreendido como uma racionalidade que vem se impondo nas relações e instituições, vem difundindo no meio educacional princípios de concorrência e eficácia próprios do campo empresarial, “produzindo um novo senso comum pedagógico que compromete a finalidade da educação” (FÁVERO; TREVISOL, 2020, p. 2). No entendimento de Fávero e Trevisol (2020, p. 5), “a instituição escolar – que até então era entendida como necessidade moral, política e de coesão social – se tornou propagadora de uma lógica individualista de concorrência”. Para os autores, esse novo “senso comum pedagógico” prima pela valorização do conhecimento como produto, pelo aprendizado ao longo da vida, no desenvolvimento de competências e habilidades, na ideologia técnica profissionalizante, na inovação e no culto à eficácia. Desse modo, “reproduzem concepções pedagógicas avessas às ideias republicanas de formação” (FÁVERO; TREVISOL, 2020, p. 2).

A originalidade do neoliberalismo está justamente em ter como foco a relação entre as instituições e a ação individual. Dando ênfase à ação individual, visa mostrar como se constrói certa dimensão do ser humano, que é o princípio de conduta potencialmente universal mais essencial à ordem capitalista. É essa dimensão do “homem-empresa” a principal contribuição dessa corrente (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 134). O sujeito referencial da racionalidade neoliberal é aquele capaz de se tornar empreendedor nos diversos aspectos de sua vida, ou até mesmo ser o empreendedor de sua vida. “Não é um indivíduo calculador, hedonista; é um combatente, um competidor, que gosta de lutar e vencer, e cujo sucesso financeiro é apenas símbolo de seu sucesso como criador” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 153). Essa concepção de indivíduo, segundo Dardot e Laval (2016), é resultado de várias linhas de pensamento advindas de teóricos do neoliberalismo e da difusão de um modelo de gestão empresarial que aspira uma validade prática universal. A educação e a imprensa têm tido papel determinante na difusão desse novo modelo humano, junto às grandes organizações internacionais. A OCDE é uma das grandes continuadoras desse discurso, tornando a formação empreendedora uma prioridade dos sistemas educacionais ocidentais.

No caso do Brasil, como aponta Silva (2019), a lógica do empreendedorismo tem, efetivamente, ingressado na agenda curricular do Ensino Médio por meio de diferentes estratégias, desde a inserção de disciplinas, projetos sobre a temática, e por ações pontuais incentivadas por agentes públicos e privados. Como explica o autor, esse processo responsabiliza os indivíduos por seu potencial de competitividade e empregabilidade, além de demonstrar uma reconfiguração sobre a ideia de educação que, articulada às demandas do capitalismo contemporâneo, “estaria mais próxima do atendimento dos interesses de um cliente do que da formação de um cidadão” (SILVA, 2019, p. 96).

De acordo com Silva (2023, p. 2), sob essas condições, de um capitalismo “cada vez mais de caráter cognitivo e emocional, emerge um conjunto de racionalidades governamentais que regulam e orientam as

pautas curriculares mediante a articulação entre individualização e responsabilização”. No que tange aos conhecimentos escolares, o pesquisador sinaliza para a emergência de novos critérios para sua seleção e uma redefinição de seus propósitos formativos.

A ênfase nas emoções, o advento da cultura digital e a preocupação com o desempenho em avaliações de larga escala entrecruzam-se com as interpelações pela formação de um jovem criativo, inovador e autoempreendedor, capaz de responsabilizar-se pela emergência de um novo tempo, rico de oportunidades e pleno de disposições subjetivas que o conduzam ao sucesso (SILVA, 2023, p. 3).

Muito mais do que visar a adaptação dos currículos às transformações econômicas e às necessidades do mercado, essa concepção de formação não se limita à produção de mercadorias, mas a produção de conhecimento e a inovação constante, dando ênfase à dimensão emocional dos sujeitos.

As relações entre o capitalismo e a vida emocional das pessoas, de acordo com Silva (2019, p. 137), não se constituem como uma novidade. A novidade, no contexto contemporâneo, seria a emergência de um capitalismo cada vez mais “emocional”, que tem considerado este aspecto indispensável para a estruturação do comportamento econômico. Nesse sentido, novas estratégias de intervenção pedagógica e novas formas de subjetivação “são mobilizadas através da articulação entre capitalismo e vida emocional” (SILVA, 2019, p. 137).

Dentre essas formas de intervenção pedagógica, destacamos o componente curricular Projeto de Vida que, conforme discutiremos na próxima seção, tem contribuído para a formação de dimensões subjetivas preconizadas pela racionalidade neoliberal.

A mobilização do sujeito neoliberal nos livros didáticos de Projeto de Vida

A especificidade do momento neoliberal se dá, principalmente, pela homogeneização do discurso do homem em torno da figura da empresa. De acordo com Dardot e Laval (2016, p. 326), “essa nova figura do sujeito opera uma unificação sem precedentes das formas plurais da subjetividade que a democracia liberal permitiu que conservassem e das quais sabia aproveitar-se para perpetuar sua existência”. Neste contexto é que vemos surgir o que os autores chamam de “sujeito neoliberal”, “sujeito empresarial” ou *neosujeito*⁵.

Não estamos mais falando das antigas disciplinas que se destinavam, pela coerção, a adestrar os corpos e a dobrar os espíritos para torná-los mais dóceis – metodologia institucional que se encontrava em crise havia muito tempo. Trata-se agora de **governar um ser cuja subjetividade**

⁵ Os autores utilizam o neologismo proposto por Jean-Pierre Lebrun em sua obra *La perversion ordinaire: vivre ensemble sans autrui* (DARDOT; LAVAL, 2016).

deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. Para isso, deve-se reconhecer nele a parte irreduzível do desejo que o constitui. As grandes proclamações a respeito do “fator humano” que pululam na literatura da neogestão devem ser lidas à luz de um novo tipo de poder; não se trata mais de reconhecer que o homem no trabalho continua a ser um homem, que ele nunca se reduz ao status de objeto passivo; trata-se de ver nele o **sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional** (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327, grifo nosso).

Essa generalização da forma-empresa foi aos poucos permitindo que os indivíduos se autocompreendessem como “empresários de si mesmos”, tendo a sua racionalidade definida pela lógica de investimento e retorno e compreendendo seus afetos como objetos de um trabalho que tem em vista a produção de “inteligência emocional” (SAFATLE; SILVA JUNIOR; DUNKER, 2021). Safatle (2021, p. 23) compreende que nesse processo, há um “profundo trabalho de *design* psicológico, ou seja, de internalização de predisposições psicológicas visando a produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais”.

De acordo com Brown (2019, p. 7), a norma neoliberal induz os sujeitos a “vestirem-se à moda do capital” em todos os lugares. Embora, contraditoriamente, o neoliberalismo busque manifestamente a emancipação dos indivíduos da regulamentação e da intervenção estatal, ele busca envolver e vincular estes mesmos indivíduos em toda esfera e instituição “neoliberalizada” de que participam (BROWN, 2019, p. 7).

Como podemos observar, essa nova norma subjetiva tem buscado moldar determinado tipo de sujeito. Este sujeito neoliberal tem características específicas que a partir da obra de Dardot e Laval (2016) buscamos sistematizar no quadro abaixo:

Quadro 2 – Características do sujeito neoliberal

Flexibilidade	“Algumas características principais do sujeito neoliberal: ‘hipermoderno’, ‘impreciso’, ‘flexível’, ‘precário’, ‘fluido’, ‘sem gravidade’ [...]” (p. 321).
Competitividade	“O homem neoliberal é homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial” (p. 322)
Engajamento	“[...] trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo a sua atividade profissional” (p. 327).
Motivação	“[...] o sujeito é impelido a ‘entregar-se completamente’, a ‘transcender-se’ pela empresa, a ‘motivar-se’ cada vez mais [...]” (p. 331).
Esforço	“Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação do seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir” (p. 327).
Resiliência	“[...] a grande novidade reside na modelagem que torna os indivíduos aptos a suportar as novas condições que lhe são impostas, enquanto por seu próprio

	comportamento contribuem para tornar essas condições cada vez mais duras e mais perenes” (p. 329).
--	--

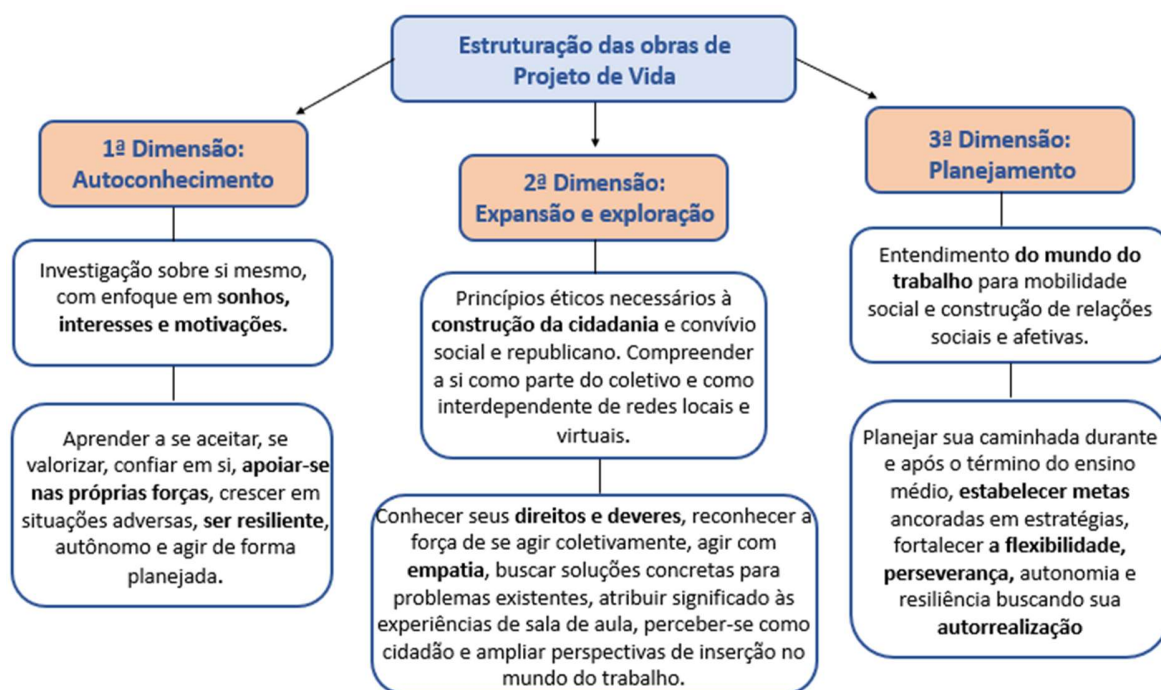
Fonte: sistematização a partir da obra “A nova razão do mundo”, de Dardot e Laval (2016), disponível em Reis (2024).

A fabricação deste sujeito empresarial tem se dado por meio de técnicas diversas e através da utilização de dispositivos variados. De acordo com Silva (2019, p. 15), “o neoliberalismo opera através de formas sutis, flexíveis e inteligentes de poder”, utilizando um discurso que, na maioria das vezes, se apresenta com as melhores intenções éticas.

A busca por formar essa nova norma subjetiva tem se evidenciado nos currículos escolares, estando presente também nos livros didáticos do componente curricular Projeto de Vida, analisados neste estudo.

Com relação às obras didáticas de Projeto de Vida, o Edital MEC/FNDE nº 3 de 2019, que reorganiza o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para o Ensino Médio, define que elas devem ter enfoque prioritário nas competências 6 (Trabalho e Projeto de Vida) e 7 (Argumentação) da BNCC e serem divididas em três dimensões: 1 – Autoconhecimento: o encontro consigo; 2 – Expansão e exploração: o encontro com o outro e o mundo e 3 – Planejamento: o encontro com o futuro e o nós. O edital apresenta também um detalhamento sobre temas a serem abordados em cada uma das dimensões que compõem os livros, conforme ilustração abaixo: (Brasil, 2019).

Ilustração 1 – Estruturação dos livros didáticos de Projeto de Vida



Fonte: sistematização a partir do Edital MEC/FNDE nº 3 de 2019 (Brasil, 2019b), disponível em Reis (2024, p. 76).

Outro ponto a ser destacado no Edital MEC/FNDE nº 3 de 2019 é o fato de que, diferentemente das obras do objeto 2 e do objeto 3, que exigem que os autores tenham formações específicas para a área do conhecimento de que trata o livro, para o objeto 1 (Projetos Integradores e Projeto de Vida) não há essa mesma exigência. De acordo com o documento, “no caso das obras de Projeto de Vida, não há necessidade de formação específica, apenas nível superior [...]” (Brasil, 2019, p. 4). Observando a área de formação dos autores dos livros didáticos de Projeto de Vida selecionados, observamos que eles possuem formação em psicologia ou psiquiatria, como demonstramos no quadro abaixo:

Quadro 3 – Formação dos autores dos livros didáticos de Projeto de Vida

Livro	Autores	Formação
Pensar, sentir e agir	Leo Fraiman ⁶	Psicólogo formado pela Universidade Paulista (UNIP), Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP).
(Des)envolver e (trans)formar – Projeto de Vida	Itale Cericato	Psicóloga, bacharela e licenciada pela Faculdade Paulistana de Ciências e Letras (2001). Mestre em Psicologia pela Universidade São Marcos (2006). Doutora em Educação: psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2010).
#Meufuturo	Erlei Sassi Jr.	Médico psiquiatra formado pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP).
	Fernanda Martins Sassi	Médica psiquiatra formada pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Fonte: Reis (2024).

Esse fato parece demonstrar um processo de psychologização da educação que vem se acentuando com o avanço das políticas neoliberais. Esse fenômeno acaba reduzindo “problemas educacionais, quase exclusivamente, a problemas psíquicos individuais ou familiares” (Zucolotto, 2018, p. 1195). De acordo com Zucolotto (2018, p. 1196), o entrelaçamento entre os campos Psicologia e Educação foi demonstrando no decorrer da história “contribuições, muitas vezes, marcadas pela vontade de adaptar e ajustar socialmente aqueles sujeitos que, de algum modo, apresentavam algum desvio do esperado para seu estágio desenvolvimental”.

⁶ O autor Leo Fraiman possui um papel de destaque nas redes sociais, tendo conteúdos com milhões de visualizações. Nessas plataformas, Fraiman (2020, [Editora FTD]) compartilha conteúdos principalmente sobre relações familiares e educação dos filhos.

Este processo de psicologização parece ganhar espaço também no currículo escolar, por meio dos livros didáticos de Projeto de Vida. Basta observarmos que os três livros didáticos com maior abrangência nacional têm seus autores com formações na área da psicologia ou da psiquiatria. Esse fato reforça a compreensão de que o currículo escolar no “Novo Ensino Médio”, através do componente Projeto de Vida, tem buscado o que Safatle (2021, p. 17) chama de “um novo desenho de pessoa”. De acordo com o autor, o neoliberalismo, utilizando diferentes meios de intervenção social, vem buscando desenvolver um “profundo trabalho de design psicológico, ou seja, de internalização de predisposições psicológicas visando a produção de um tipo de relação a si, aos outros e ao mundo guiada através da generalização de princípios empresariais [...]” (Safatle, 2021, p. 30). Uma das formas de intervenção social para o avanço do neoliberalismo tem sido o currículo escolar.

Seguindo o processo de análise dos livros didáticos, percebemos que eles, buscando mobilizar a formação de sujeitos neoliberais, utilizam de diferentes estratégias para alcançar este objetivo: I – pela redução do mundo do trabalho a espaço de competição; II – pela legitimação de novos saberes, relações e subjetividades; III – através de conteúdos textuais, sequências didáticas e atividades; IV – pela produção de novos desenhos de aula e metodologias; V – através de conteúdos audiovisuais e VI – através de conteúdo iconográfico.

A dimensão do trabalho abordada nos livros está principalmente relacionada ao desenvolvimento de competências dos estudantes para o atendimento de demandas de um mercado de trabalho instável e competitivo, ou ainda na orientação do estudante para sua escolha profissional. Deste modo, os livros didáticos analisados seguem este viés quando abordam questões relacionadas ao trabalho. Na obra #Meufuturo (Sassi Júnior; Sassi, 2020, p. 138 [Editora FTD]) o trabalho é visto como “um meio de ganhar dinheiro, de sobreviver. Isso é essencial, mas o ato de trabalhar, nesses casos, fica restrito à obrigação ou à necessidade.” Para os autores, o trabalho deve ser também compreendido como a realização de um sonho, afinal de contas “[...] quando crianças, brincávamos de ser cientistas, esportistas, modelos, artistas... e nos sentíamos felizes ao simularmos as tarefas realizadas por esses profissionais”. Já para Fraiman (2020, p. 153 [Editora FTD]), na obra Pensar, sentir e agir, “o trabalho sempre esteve presente nas sociedades, seja ele remunerado ou não”, e em nossa sociedade “existem diferentes ocupações, com diversas finalidades: subsistência, diversão e organização da vida social, por exemplo”. Nas três obras é consenso uma visão do trabalho enfatizando seus aspectos positivos: a realização de um sonho, algo divertido, possibilidade de se relacionar e conhecer pessoas.

A presença da tecnologia digital e das novas formas de trabalho também é bastante discutida nos livros didáticos. De acordo com Fraiman (2020, p. 167, [Editora FTD]), “muitos empregos que surgiram e que surgirão estão relacionados tanto com a produção de tecnologia quanto com a distribuição de conteúdo por meio dessa tecnologia”, assim como em (Sassi Júnior; Sassi, 2020, p. 170, [Editora FTD]) quando destacam que “as áreas ligadas à tecnologia, em constante expansão, geram novos postos de trabalho e a necessidade de novas profissões que há poucos anos não existiam e que vão substituindo outras”.

Sabendo das mudanças que o mundo do trabalho vem experimentando, concordamos com Antunes e Filgueiras (2020, p. 39) os quais afirmaram que “vivemos uma conjuntura de grande ofensiva do capital

sobre o trabalho, uma verdadeira contrarrevolução preventiva de amplitude global, sustentada por uma forte ideologia neoliberal em uma fase de crise estrutural do capital”. Tal conjuntura tem se refletido em exploração, desregulamentação, flexibilização, terceirização e precarização das condições de trabalho. Essa instabilidade do mundo do trabalho, de acordo com Dardot e Laval (2016), tem exigido a formação de sujeitos que aceitam se expor a riscos, assumindo a responsabilidade por eventuais fracassos e buscando sempre a maximização dos seus resultados. “Nesse ‘novo mundo’, o indivíduo não deve mais se ver como um trabalhador, mas como uma empresa que vende um serviço em um mercado”, nesse sentido, a responsabilidade pela valorização de seu trabalho no mercado torna-se um “princípio absoluto” (Dardot; Laval, 2016, p. 334).

No entanto, essas problemáticas não são retratadas quando se fala a respeito do mundo do trabalho nos materiais analisados. Ao invés disso, a perspectiva adotada é a de buscar adaptar/moldar os estudantes para esta nova realidade

Além disso, nos materiais analisados, é possível perceber uma mudança de paradigma quanto ao saber e ao conhecimento escolar. De acordo com Silva (2017, p. 704), a cultura empresarial tem modelado o conhecimento “enquanto um modo de investimento econômico, motivado por uma lógica instrumental e esvaziada de sentidos públicos”. Além disso, o sistema capitalista contemporâneo, buscando mobilizar novos dispositivos de constituição subjetiva, mais do que nunca tem investido na dimensão emocional dos sujeitos. Macedo e Silva (2022, p. 17) apontam que, nesse contexto, a escola desloca a promessa de empregabilidade que costumava estar no centro da escolarização, substituindo pela promessa de “felicidade” e “recompensa psíquica”.

Nos livros didáticos de Projeto de Vida, o tema das emoções é abordado em diversos momentos, principalmente no sentido de reconhecê-las para poder utilizá-las “em favor de seu crescimento pessoal e na construção de seu Projeto de Vida” (Fraiman, 2020, p. 28 [Editora FTD]). Em Sassi Júnior e Sassi (2020, p. 31 [Editora FTD]), por exemplo, lê-se: “quando identificamos o que estamos sentindo, podemos traçar rotas, rever caminhos, reajustar o rumo; mas, quando somos dominados pela emoção, criamos atalhos que nos desviam dos nossos propósitos”. Para os autores, através do desenvolvimento da “inteligência emocional”, os estudantes podem aprender a reconhecer as emoções “e até mesmo controlá-las” (p. 38).

Através disso, vai sendo construída uma percepção de que algumas emoções, que se refletem em comportamentos, são desejáveis, ao passo que outros comportamentos são tidos como inadequados e devem ser repelidos. Desse modo, os materiais didáticos vão fomentando certa concepção sobre o estudante e o seu desenvolvimento.

Além dessas tecnologias, outro recurso que os livros didáticos utilizam para fomentar concepções sobre o estudante e o seu desenvolvimento é através do uso de histórias de vida de personalidades que são tidas como exemplos a serem seguidos. A figura da ativista Malala Yousafzai e do tenista Gustavo Kuerten estão apresentadas nas três coleções didáticas. As histórias de vida da jovem paquistanesa ativista pela educação e do atleta campeão de tênis são representadas como exemplos de pessoas que foram persistentes, resilientes, esforçadas e venceram apesar das adversidades da vida. Grande parte das histórias de vida

presentes nos livros didáticos são de pessoas que, mesmo com situações difíceis, superaram os obstáculos e conseguiram realizar seus propósitos através de grande esforço.

Ilustração 2 – Exemplos de personalidade inspiradora



Fonte: *Prints* de Fraiman (2020, p. 52 [Editora FTD]) e Cericato (2020, p. 33 [Editora Ática]).

De acordo com Fraiman (2020, p. 17 [Editora FTD]), “há muitas histórias inspiradoras de pessoas que superaram dificuldades, engajaram-se em causas importantes e conseguiram encontrar uma razão de ser e de existir”. Para o autor, cultivar pensamentos e sentimentos positivos, bem como engajar-se em causas sociais, “são atitudes importantes que dão sentido à existência”. O sujeito ideal dessa racionalidade é o sujeito ativo, motivado, que se engaja plenamente e se entrega por completo ao desenvolvimento total de si mesmo (Dardot; Laval, 2016).

Na “ética neoliberal do eu”, o ser bem-sucedido não se restringe aos limites da empresa, já que “o ser bem-sucedido na carreira, confunde-se com o ser bem-sucedido na vida”. Essa forma de gestão buscando “aliciar as subjetividades” vai moldando determinadas maneiras de ser (Dardot; Laval, 2016, p. 338).

O conteúdo principal dos livros é composto por textos que abordam questões relacionadas ao autoconhecimento, ao desenvolvimento de competências socioemocionais e ao mundo do trabalho contemporâneo. Abaixo trazemos como exemplo um trecho de um conteúdo textual utilizado na obra de Cericato (2020 [Editora Ática]):

Ilustração 3 – Exemplo de conteúdo textual

**TEXTO E CONTEXTO**

Você sabe o que é resiliência? Usado originariamente na Física, o termo designa a propriedade dos corpos de voltar à forma original após ter sofrido deformação ou choque. Em Psicologia, resiliência é a capacidade de lidar com problemas, vencer obstáculos e não ceder à pressão, mesmo em situações de grande tensão.

► Leia a seguir o relato de uma sobrevivente sobre sua experiência em um campo de concentração durante a Segunda Guerra Mundial e, depois, faça a atividade proposta.

Relato de Edith Eva Eger

Quando se deu nossa chegada ao campo de Auschwitz, meu pai foi imediatamente separado de nós e encaminhado para o setor destinado aos homens. Nós nunca mais o vimos novamente. Porque éramos maiores de 14 anos, eu e Magda pudemos ficar inicialmente junto de nossa mãe. Crianças pequenas eram forçosamente tiradas de suas mães ainda na estação de trem. Os nazistas sabiam bem que as mães seriam muito submissas se elas temessem por seus filhos pequenos.

Como fomos conduzidos por guardas armados, ainda no trem, minha mãe virou-se para mim e cochichou: “Não sabemos onde estão nos levando. Mas lembre-se sempre de que nada nem ninguém pode tirar de você o que você põe aqui, na cabeça, e aqui, no coração”. Ela não pode imaginar quanto importante foi esse momento e sua sabedoria para que eu sobrevivesse.

Fonte: *Print* de Cericato (2020, p. 42 [Editora Ática]).

O uso de sequências didáticas também compõe os três livros. Nelas são propostos diversos modelos de atividades, como produções textuais, interpretações de texto, pesquisas de campo, escrita de diários, trabalhos em grupo, dinâmicas, apresentações orais, produção de áudios e vídeos, produções artísticas e organização de exposições e fóruns. Neste formato, os livros didáticos analisados se parecem mais com um roteiro de aula do que realmente como um material de apoio didático/pedagógico. Abaixo trazemos um exemplo de atividade da obra de Cericato (2020 [Editora Ática]), que é proposta na sequência do texto que apresentamos no exemplo anterior:

Ilustração 4 – Exemplo de atividade

REFLETIR E ARGUMENTAR

1. O texto que você leu faz parte de um livro da psicoterapeuta Claudia Riecken, resultado de pesquisas e entrevistas com pessoas que superaram grandes adversidades. Nesse livro, a autora destaca a resiliência, capacidade de reverter uma situação, transformando um fato negativo em algo positivo. Você conhece alguém com essa capacidade?
2. Além da resiliência, que características você observa no comportamento de pessoas que não se deixam vencer pelas dificuldades?
3. Você já precisou ser resiliente em alguma situação de sua vida? Registre no caderno que situação foi essa e que atitudes você tomou para enfrentá-la. Depois, compartilhe com os colegas
4. Você acredita que a resiliência é uma característica importante a ser cultivada no comportamento? E na construção do projeto de vida? Justifique e compartilhe sua opinião com os colegas.

Fonte: *Print* de Cericato (2020, p. 43 [Editora Ática]).

É possível observar que as propostas de atividades que compreendem os livros de Projeto de Vida parecem mais técnicas de “desenvolvimento pessoal”. Dardot e Laval (2016, p. 345) apontam que tem se constituído um comércio intenso em torno do “desenvolvimento pessoal”. Essas técnicas que visam a “transformação da pessoa em todos os domínios de sua vida” são compreendidas pelos autores como “técnicas de gestão de si” que têm por objetivo a melhora do desempenho dos sujeitos em favor do aumento da produtividade da empresa.

O fato de o componente Projeto de Vida não ter bases teóricas/epistemológicas definidas, e não estar vinculado a nenhuma das áreas do conhecimento que compõem o currículo do ensino médio, dificulta a compreensão dos docentes sobre quais conteúdos trabalhar nessa disciplina (Bodart, 2022). Com isso, os livros didáticos passam a ter um papel importante, pois acabam constituindo o próprio currículo. É válido considerar que o “Novo Ensino Médio” alterou a carga horária de diversas disciplinas, forçando muitos docentes a atuarem em componentes que não pertenciam a sua área de formação e, aumentando o número de turmas e de alunos, ou seja, ampliando a intensificação de seu trabalho. Com esses dois fatos, muitos docentes acabam se vendo obrigados a utilizar os livros didáticos, mesmo que discordem da concepção de ensino proposta por eles. De acordo com Jakimiu (2022, p. 15), “a partir da perspectiva de mercado assumida, o Projeto de Vida promove a desprofissionalização do trabalho docente e converte o professor em uma espécie de “*coach*”, de treinador do “empreendedor de si”.

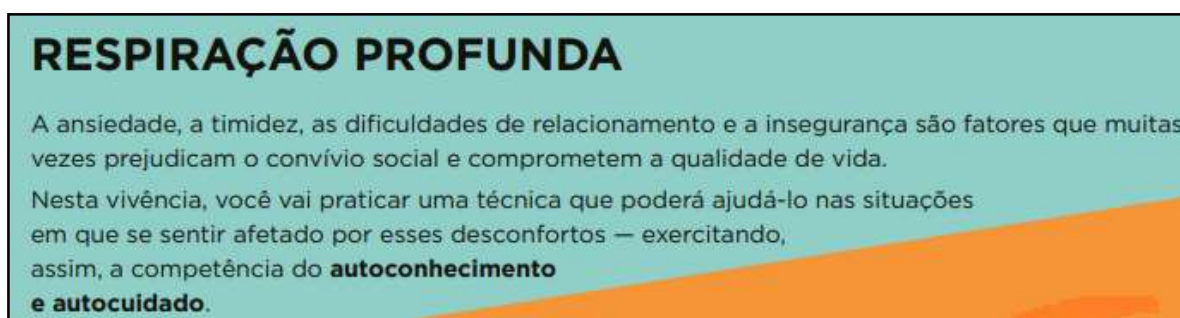
Nos livros didáticos, buscando trabalhar com as metodologias ativas, os autores propõem o uso de recursos como: sala de aula invertida; ensino híbrido; aprendizagem baseada em projetos; aprendizagem

baseada em problemas e estudo de caso (Fraiman, 2020 [Editora FTD]). As atividades propostas nos livros seguem o padrão de buscar o desenvolvimento pessoal dos estudantes.

Nos livros há diversos roteiros de atividades que direcionam para o controle das emoções e ao alívio de ansiedade e estresse. Nesse sentido, Cericato (2020 [Editora Ática]) convida os alunos a observarem e reconhecerem reações físicas e emocionais que podem sinalizar estresse. Para isso, no livro há uma tabela intitulada “calcule o seu nível de estresse” que deve ser preenchida pelo aluno, que depois irá calcular em que nível se encontra. Também, no mesmo livro didático, é sugerida a realização de uma técnica de respiração profunda, a fim de acalmar os pensamentos e aliviar a ansiedade. Outras técnicas desse tipo como “relaxamento; meditação; *mindfulness*; alongamento; equilíbrio; tranquilização mental”, são sugeridas no livro *Pensar, sentir e agir* (Fraiman, 2020, p. 46 [Editora FTD]). Buscando o controle das emoções, Sassi Júnior e Sassi (2020 [Editora FTD]) indicam a construção de um diário que, de acordo com os autores, poderá auxiliar no monitoramento das emoções.

Abaixo apresentamos um exemplo de atividade que segue este viés, proposta na obra de Cericato (2020, p. 88 [Editora Ática]):

Ilustração 5 – Exemplo de atividade



Fonte: Print de Cericato (2020, p. 88 [Editora Ática]).

As formas metodológicas, assim como os roteiros de atividades e conteúdos presentes nos livros analisados parecem expressar uma mudança no “centro gravitacional dos saberes pedagógicos [...]”, que tem cada vez mais se voltado para a “subjetividade dos indivíduos” (Silva, 2018, p. 555). De acordo com Silva (2018, p. 555), com isso, “constrói-se um novo perfil formativo como campo de investimentos para a escolarização, materializado nas concepções de personalização e flexibilidade”. Conforme explicou o autor, neste contexto, o conhecimento escolar tem sido reposicionado, “atrelando-se aos novos imperativos vinculados a uma customização curricular” (Silva, 2018, p. 552).

Nos livros didáticos de Projeto de Vida, a sugestão de conteúdos audiovisuais como material complementar de estudo é uma ferramenta bastante utilizada, estando presente nos livros diversas sugestões deste tipo. De acordo com a autora de um dos livros analisados, “filmes, séries e canções podem ser boas oportunidades de constatar que as emoções e os sentimentos fazem parte da história de vida de todos nós (Cericato, 2020, p. 49 [Editora Ática]).

Os recursos filmicos presentes nos livros são compostos por obras que, em sua maioria, retratam histórias de esforço e superação. Grande parte dos conteúdos audiovisuais sugeridos, seguem este viés, de histórias que valorizam a persistência, a resiliência e o esforço. Além disso, os livros de Projeto de Vida também apresentam seções especiais para sugestão de outros conteúdos, como livros, artigos e documentários. Chama atenção o fato de que, apesar de atualmente os jovens utilizarem intensamente as redes sociais, aplicativos e outros recursos online, nos livros analisados isto é pouco explorado.

Nos livros de Projeto de Vida, as imagens são outro recurso pedagógico utilizado. Este tipo de conteúdo é importante pois trabalha com o imaginário, com a memória e com elementos culturais. De acordo com Souza (2014, p. 31), as imagens “portam conteúdos, códigos, signos e significados que são comunicados “silenciosamente” de forma implícita ou explícita”.

Como vimos, o esforço e a resiliência são características muito valorizadas nos livros didáticos de Projeto de Vida. Para Sassi Júnior e Sassi (2020, p. 68 [Editora FTD]), “composta de flexibilidade, otimismo, coragem e vontade de viver (alegria), a resiliência é uma ferramenta de valor único para o encontro com o futuro, carregado de imprevistos”. Quando é tratado sobre estes temas nos livros didáticos, imagens de pessoas com deficiência são apresentadas como exemplos de sujeitos que tiveram resiliência e superaram os obstáculos da vida. Nos três livros didáticos são utilizadas, nessa perspectiva, imagens de pessoas com deficiência. Na figura abaixo apresentamos o exemplo de um dos livros analisados.

Ilustração 6 – Imagem que representa força de vontade e determinação



Quando os livros tratam sobre o mundo do trabalho, o conteúdo iconográfico utilizado representa o trabalho urbano, envolto pelo mundo digital e tecnológico. Não há nenhuma outra imagem sobre o mundo do trabalho que o represente de outra forma, como por exemplo, do trabalho rural. Conhecendo a realidade do mercado de trabalho brasileiro, sabemos que essas imagens não representam realmente o mundo do trabalho que a maioria dos jovens estudantes serão inseridos.

As escolhas das imagens convergem com a ideia de uma formação centrada em características individuais e que valorize o desenvolvimento de habilidades para o mercado de trabalho. O mundo do trabalho é retratado de forma idealizada, seguindo o conteúdo textual dos livros, que de maneira geral não tratam sobre a divisão do trabalho, da exploração e precarização. Ao contrário disso, as condições atuais do mundo trabalho são compreendidas como resultado de ações individuais. Assim, “a ênfase na cultura empreendedora e na capacidade adaptativa e inovadora dos indivíduos transfere para os sistemas educacionais a tarefa de consenso da nova economia e das mudanças da cadeia produtiva” (Barbosa; Alves, 2023, p. 6). Como observou Jakimiu (2022, p. 20), o Projeto de Vida “vende um sonho não realizável e promove ilusão, exclusão e alienação uma vez que desconsidera as incertezas do futuro e de empregabilidade adensadas no contexto de crise do trabalho assalariado e de uberização do trabalho.”

Considerações finais

Neste estudo nos dedicamos a problematizar os sentidos do Projeto de Vida no currículo escolar na contemporaneidade, particularmente no que se refere à mobilização da formação do sujeito neoliberal. Como vimos, conforme a abordagem de Silva (2019), os dispositivos de customização curricular são colocados em ação no currículo escolar por meio da emocionalização pedagógica e pela algoritmização subjetiva, utilizando de variadas estratégias. Dentre essas estratégias, destacamos o componente curricular Projeto de Vida, que como podemos inferir, é um dispositivo de customização curricular que tem como principal função a normatização subjetiva para fabricação de um sujeito neoliberal.

De acordo com o autor (SILVA, 2019, p. 152), os dispositivos de customização curricular “podem conduzir a um empobrecimento da formação coletiva”, assim como podem contribuir para o aumento das injustiças sociais. Além disso, as consequências de uma formação para a juventude fundamentada por estes princípios podem incorrer inclusive em efeitos patológicos. Dardot e Laval (2016), quando tratam sobre o “diagnóstico clínico do *neosujeito*”, apresentam as consequências dessa normatização: sofrimento no trabalho e autonomia contrariada; corrosão de personalidade; desmoralização; depressão generalizada; dessimbolização e perversão comum. Safatle, Silva Júnior e Dunker (2021, p. 9) contribuem nesse sentido apontando o neoliberalismo também como um “gestor do sofrimento psíquico”, que utiliza de categorias morais e psicológicas para produção de figuras de subjetividade, com determinados padrões de ação e, também, de sofrimento.

A manipulação de temas que são ao mesmo tempo morais e psicológicos, com o objetivo de impor certa conduta considerada “correta”, de acordo com Dardot e Laval (2016, p. 344), “pode parecer algo perverso”. Os autores alertam que não se trata de aplicar conhecimentos psicológicos, mas trata-se de construir, com o auxílio da psicologia, “técnicas de governo de si” que moldem o sujeito eficaz que interessa a empresa (p. 344),

Diante deste cenário, que faz parte de um contexto global de ataque à escola pública (LAVAL, 2019), as articulações que visem a resistência ao projeto neoliberal se fazem necessárias. Os debates no campo teórico têm nos ajudado a compreender e a produzir conhecimentos novos sobre essas problemáticas. No entanto, de acordo com Jakimiu (2022, p. 24), é preciso promover o enfrentamento aos discursos neoliberais advindos do Governo Federal e dos reformadores empresariais da educação que “normalizam nas mídias a educação para o mercado e constroem a partir de suas narrativas uma noção positiva (e falsa) no imaginário da população”.

Com isso, a própria ideia de educação como direito e como um “serviço público” vem sendo enfraquecida. A escola, sujeita a estes imperativos econômicos, tem sofrido um processo de “despolitização” (LAVAL; VERGNE, 2023, p. 15). Com isso, as questões coletivas vão sendo convertidas em problemas pessoais e as decisões políticas e econômicas transformadas em fracassos individuais (BALL, 2016). Assim, conforme argumentaram Saforcada e Baichman (2022), diante da radicalização das dinâmicas de mercado, é fundamental reposicionar o direito à educação como um direito humano essencial. Para isso, torna-se imprescindível compreender as políticas e estratégias que aprofundam essa despolitização e acentuam determinadas desigualdades.

Referências

ANTUNES, Ricardo; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v39i1.38901>. Acesso em: 2 fev. 2024.

BALL, Stephen J. Gobernanza neoliberal y democracia patológica. In: COLLET, Jordi; TORT, Antoni (coord.). *La gobernanza escolar democrática*. Madrid: Ediciones Morata, 2016. p. 23-40.

BARBOSA, Renata Perez; ALVES, Natália. Aprender a empreender: reflexões sobre um projeto de vida danificado. *Currículo sem fronteiras*, [S. l.], v. 23, p. 1-17, 2023. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.35786/1645-1384.v23.1140>. Acesso em: 3 jan. 2024.

BODART, Cristiano das Neves. O Projeto de Vida como componente curricular do ensino médio: aprofundamento da irresponsabilidade do Estado e os danos ao Ensino Médio. *Café com Sociologia*, [S. l.], 13 jan. 2022. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/o-projeto-de-vida-como-componente-curricular-do-ensino-medio-aprofundamento-da-irresponsabilidade-do-estado-e-os-danos-ao-ensino-medio/>. Acesso em: 5 fev. 2024

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação. Secretaria de Educação Básica. Edital de Convocação nº 03/2019 – CGPLI. Edital de convocação para o processo de inscrição e avaliação de obras didáticas, literárias e recursos digitais para o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD 2021. Brasília, DF: MEC: FNDE: SEB, 2019.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e 11.494, de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11.161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 35, p. 1, 17 fev. 2017.

BROWN, Wendy. Cidadania Sacrificial: neoliberalismo, capital humano e políticas de austeridade. Tradução: Juliana Bianchi Leão. Rio de Janeiro: Zazie Edições, 2019. Disponível em: https://zazie.com.br/wp-content/uploads/2021/05/Pequena_Biblioteca_de_Ensaios_Wendy_Brown_Zazie2018.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

CERICATO, Itale. (Des)envolver e (trans)formar – Projeto de Vida. São Paulo: Ática S.A., 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

FÁVERO, Altair Alberto; TREVISOL, Marcio Giusti. Quando a educação se torna um negócio: ideologia neoliberal na educação e a cristalização do novo senso comum pedagógico. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 24, p. 1-19, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2020.241.19585>. Acesso em: 1 jun. 2023.

FRAIMAN, Leo. Pensar, sentir e agir. São Paulo: FTD S.A., 2020.

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. Projeto de Vida no currículo do Ensino Médio: a educação a serviço da Pedagogia do Mercado. Cocar, [S. l.], v. 17, n. 35, p. 1-25, 2022. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar>. Acesso em: 5 jun. 2023.

KLAUS, Viviane. Empresariamento da educação em tempos de capitalismo flexível: análise de parcerias escola/empresa no RS. Educação Unisinos, São Leopoldo, v. 21, n. 3, p. 345-355, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/edu.2017.213.13677>. Acesso em: 1 jun. 2023.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

LAVAL, Christian; VERGNE, Francis. Educação democrática: a revolução escolar iminente. 1. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. Ciência & Educação, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1516-73132003000200004>. Acesso em: 30 maio 2023.

- OLIVEIRA, Luthiane Miszak Valença de. Projeto de Vida e escolarização juvenil: um diagnóstico do conceito nas políticas curriculares contemporâneas. *In: SILVA, Roberto Rafael Dias da; VASQUES, Rosane Fátima; SILVA, Denilson da (org.). Apontamentos para uma agenda de pesquisa sobre as políticas curriculares no Brasil. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. v. 1. p. 88-114.*
- REIS, Liliane Rodrigues. O componente curricular Projeto de Vida no “Novo Ensino Médio” e a formação do sujeito neoliberal. Santa Cruz do Sul. Dissertação de mestrado. Universidade de Santa Cruz do Sul. 2024.
- SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. *In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 11-38.*
- SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian. Introdução. *In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JÚNIOR, Nelson da; DUNKER, Christian (org.). Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 5-9.*
- SAFORCADA, Fernanda; BAICHMAN, Alan. Derecho a la educación, políticas públicas y escuela secundaria em América Latina: deudas y desafíos. *In: SILVEIRA, Éder da Silva; SILVA, Monica Ribeiro da. MARTINIC, Sérgio; MOLL, Jaqueline (org.). Ensino Médio, Educação Integral e Tempo Ampliado na América Latina. Curitiba: CRV, 2022, p. 29-54.*
- SASSI JÚNIOR, Erlei; SASSI, Fernanda Martins. #Meufuturo. São Paulo: FTD S.A., 2020.
- SILVA, Roberto Rafael Dias. A questão do protagonismo juvenil no Ensino Médio brasileiro: uma crítica curricular. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, Rio de Janeiro, v. 31, n. 118, p. 1-22, jan./mar. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362022003003427>. Acesso em: 30 maio 2023.
- SILVA, Roberto Rafael Dias. Customização curricular no Ensino Médio: elementos para uma crítica pedagógica. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019.
- SILVA, Roberto Rafael Dias; ESTORMOVSKI, Renata Cecilia. Projetos de vida e a fabricação de subjetividades monetizáveis: uma crítica curricular ao Novo Ensino Médio no Sul do Brasil. Espaço Pedagógico, Passo Fundo, v. 30, p. 1-17, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5335/rep.v30i0.14363>. Acesso em: 10 maio 2023.
- ZUCOLOTTI, Marcele Pereira da Rosa. Contribuições da psicologia à educação básica e o problema de psicologização da educação: uma revisão narrativa. HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 1195-1208, out./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rho.v18i4.8652472>. Acesso em: 5 fev. 2024.

Submetido: 14/03/2025

Aceito: 10/08/2025